

## ECONOMIA CRIATIVA NAS MESORREGIÕES DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Panorama das ocupações criativas paulistas, com ênfase no desempenho da região de Araraquara

João Edison Delarissa Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é produzir um diagnóstico da atividade econômica na mesorregião de Araraquara sob o aspecto da Economia Criativa. Utilizando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) 2.0, este estudo aplicado reúne, analisa e caracteriza as ocupações formais que geram valor econômico – criação de empregos, geração de renda, crescimento econômico e promoção do desenvolvimento. Tais atividades se baseiam na utilização dos capitais intelectual e cultural como insumos-base na elaboração, produção e distribuição de bens e serviços. As mesorregiões do Estado de São Paulo – metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – compõem o recorte geográfico desta pesquisa, que também utiliza a Relação Anual de Informações Sociais (Rais/MTE) como variável de análise. É finalidade deste trabalho avaliar o desempenho do setor criativo na região de Araraquara durante as duas primeiras décadas deste século. Para isto, foi utilizada a metodologia do Quociente Locacional (QL) para a construção de um indicador que permite analisar a evolução dos vínculos criativos na região de Araraquara, bem como avaliar o desempenho dos diferentes tipos de atividades criativas e comparar o seu desempenho em relação às demais mesorregiões paulistas.

Palavras Chaves: Economia criativa; Indicadores Econômicos; Emprego formal;

### ABSTRACT

The purpose of the present article is to produce a diagnosis of the economic activity in the mesoregion of Araraquara under the Creative Economy aspect. Using the National Classification of Economic Activities (CNAE) 2.0, this applied study gathers, analyzes and characterizes the formal occupations that generate economic value – job creation, income generation, economic growth and development. Such activities are based on the use of intellectual and cultural capitals as basic inputs in the preparation, production and distribution of goods and services. The mesoregions of the State of São Paulo – methodology of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) – integrates the geographic section of this research, which also uses the Annual List of Social Information (Rais / MTE) as an analysis variable. The purpose of this work is to evaluate the performance of the creative sector in the region of Araraquara during the first two decades of this century. For this, the Locational Quotient (QL) methodology was used to build an indicator that allows us to analyze the evolution of creative ties in the region of Araraquara, as well as evaluate the performance of different types of creative activities and compare their performance in relation to other mesoregions in the state of São Paulo.

Key words: Creative economy; Economic indicators; Formal employment;

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Ciências Econômicas na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Araraquara

## I. INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia, da ciência e do conhecimento têm promovido grandes transformações no modo como a sociedade se organiza, produz e consome seus bens e serviços, causando alterações frequentes nas preferências dos consumidores e tornando a diferenciação e a inovação fatores decisivos para o êxito dos empreendimentos. (FIRJAN, 2019); (JAGER, 2014)

No âmbito das relações de trabalho, a automação dos processos produtivos e a mecanização das atividades têm aumentado a relevância da capacidade humana de utilizar o capital intelectual para inovar e gerar valor durante todas as etapas da atividade econômica. O foco na experiência do consumidor exige das empresas novas competências, promovendo alterações no mercado de trabalho, como no perfil dos profissionais mais requeridos:

O mundo tem passado por profundas transformações no mercado de trabalho, que são resultado das mudanças socioculturais e do avanço da digitalização. As mudanças nos hábitos de consumo e a transformação digital exigem das empresas uma série de novas competências e habilidades até então inexploradas. Esse movimento já é visível na economia criativa, que registra alterações no perfil dos profissionais buscados pelo mercado. (FIRJAN, 2019)

É no escopo deste debate que se insere o conceito da Economia Criativa, que pode ser definida como o conjunto de atividades nas quais a criatividade e o capital intelectual constituem-se como as principais matérias-primas na criação, produção e distribuição de bens e serviços (HOWKINS, 2001) que carregam maior valor agregado.

Compreendida a relevância da Economia Criativa na geração de valor, depreende-se uma possível elevação dos ganhos econômicos nas regiões onde a presença de profissionais criativos é maior, tanto no que se refere ao faturamento obtido pelas empresas, como nos salários pagos e na qualificação dos profissionais atuantes e na arrecadação de tributos localmente (HOWNKINS, 2001); (IPEA, 2013); (UNCTAD, 2010).

Isto posto, a motivação deste trabalho se deve à relevância dos setores culturais e criativos para a atividade econômica e o seu crescimento, como também na ausência de produção e sistematização de dados que acompanhem a evolução deste setor (PROCOPIUCK; FREDER, 2014), sobretudo em âmbito regional.

É importante, portanto, desenvolver estudos acadêmicos que monitorem o quadro da Economia Criativa localmente e que servirão de apoio não só para melhorar a compreensão desses tipos de negócios, como também para o planejamento empresarial e como subsídio para a formulação, implantação e avaliação de políticas públicas que fomentem o seu desenvolvimento.

Com base nisso, o presente trabalho busca avaliar o grau de especialização do mercado de trabalho criativo na mesorregião de Araraquara, fazendo uma avaliação do ponto de vista das ocupações formais nas áreas de Arquitetura e Design, Artes Performáticas, Plásticas, Visuais e Escritas, Audiovisual, Edição e Impressão, Ensino e Cultura, Informática, Patrimônio e Publicidade e Propaganda.

Para isto, utilizando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) 2.0, este trabalho reúne, analisa e caracteriza o grupo de ocupações formais que geram valor econômico baseadas na utilização dos capitais intelectual e cultural como insumos base na elaboração, produção e distribuição de bens e serviços.

Na sequência, são tomadas como variáveis-alvo da pesquisa as séries divulgadas pelo Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PDET) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como a metodologia do Quociente Locacional para a construção de indicadores de desempenho e especialização, que viabilizam a apuração e o monitoramento do setor criativo na esfera regional, feita a partir dos dados sobre o mercado de trabalho formal.

As mesorregiões do Estado de São Paulo – metodologia do IBGE que constitui a divisão geográfica regional oficial do país vigente de 1989 a 2017 – compõem o recorte geográfico da pesquisa que também utiliza a Relação Anual de Informações Sociais (Rais/MTE) para a elaboração da análise temporal.

Avaliando as variações ocorridas entre 2006 e 2019, foram observados impactos relativamente mais intensos sobre as ocupações criativas em relação à flutuação do mercado de trabalho formal, isto é, nos períodos em que há criação de vagas de trabalho, o emprego criativo aumenta mais que proporcionalmente, e o mesmo ocorre quando o movimento é inverso

No acumulado dos treze anos analisados, verificou-se para o Estado de São Paulo crescimento de 11,85% da população estimada, 32,4% do mercado de trabalho formal e 85,20% das atividades do setor criativo.

Por fim, o cálculo do Quociente Locacional (QL) para as mesorregiões paulistas revelou que existe localização significativa do setor criativo na região metropolitana de São Paulo. As mesorregiões de Campinas, Piracicaba, Macro Metropolitana de São Paulo, Marília e São José do Rio Preto apresentaram localização média, enquanto as demais apresentaram fraca localização, considerando a média dos resultados obtidos entre 2006 e 2019.

O artigo está estruturado como se segue: a segunda seção compreende conteúdo fundamentalmente teórico, tratando da revisão da literatura que fornece as bases para a concepção da Economia Criativa – o surgimento do conceito e as discussões atuais acerca do

tema – além de definir o que será considerado Economia Criativa neste estudo. A terceira seção apresenta as principais metodologias utilizadas para mensurar a economia criativa e define os procedimentos metodológicos que guiarão a construção do indicador pretendido. Na quinta seção, são apresentados os resultados e conhecimentos alcançados. E, finalmente, na sexta seção é apresentada uma síntese sobre as contribuições deste trabalho, suas limitações e recomendações para futuras investigações.

## II. A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA CRIATIVA

É razoável definir como um dos marcos iniciais de fundação desta área de estudo, a cunhagem do termo “economia criativa”, que foi publicado em 2001 por John Howkins no livro *Economia Criativa: Como Ganhar Dinheiro com Ideias Criativas*. Para ele, “a criatividade não é uma coisa nova e nem a economia o é, mas o que é nova é a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar extraordinário valor e riqueza” (HOWKINGS, 2001).

Como definido pelo autor, existem dois tipos de criatividade: aquele voltado à realização das pessoas enquanto indivíduos e um outro que gera um produto. “O primeiro é uma característica universal da humanidade e é encontrado em todas as sociedades e culturas. O segundo é mais intenso em sociedades industriais, que atribuem um valor maior à novidade, à ciência e à inovação tecnológica e aos direitos de propriedade intelectual” (UNCTAD, 2010)

Mas o termo Economia Criativa é, na verdade, a evolução de um conceito predecessor. Empregado pela primeira vez em 1994, no relatório australiano *Nação Criativa*, o termo “Indústria Criativa” ganhou exposição internacional três anos depois, quando o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DCMS) do Reino Unido publicou a Força Tarefa das Indústrias Criativas, como uma tentativa de impulsionar a economia britânica no final do século XX a partir da criatividade e da inovação.

O estudo britânico classificou as indústrias criativas como sendo aquelas que fazem uso da criatividade, da habilidade e do talento como potencial de elevação na geração de riquezas e empregos por meio da exploração da propriedade intelectual (DCMS, 2001). Vale lembrar que o termo “indústria criativa” também varia de acordo com a sua localidade e ao longo do tempo, além de ser um conceito ainda em desenvolvimento, que depende de uma série de definições. Especificamente para o modelo inglês do DCMS, a classificação de indústria criativa engloba as seguintes áreas: Publicidade, Arte e antiguidades, Artesanato, Design, Moda, Filme e vídeo, Música, Artes cênicas, Editoras, Software, Televisão e rádio e Vídeo games.

Em 2004, ocorreu a XI Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), onde o tópico das indústrias criativas passou a integrar a agenda econômica e de desenvolvimento internacional, permitindo ampliar o escopo da indústria criativa, integrando-a a uma quantidade de setores cada vez maior.

Já em 2008, as Nações Unidas publicaram seu primeiro Relatório de Economia Criativa. Segundo o relatório, as chamadas “indústrias criativas” figuravam entre os setores mais dinâmicos da economia mundial e constituíam-se em oportunidades de alto crescimento, sobretudo para os países em desenvolvimento. O levantamento mostra como a criatividade, o conhecimento, a cultura e a tecnologia podem impulsionar a criação de empregos, a geração de inovação e a inclusão social. Ademais, como argumentado pela própria ONU, “embora o crescimento da economia criativa não seja, por si só, uma panaceia, ele potencialmente oferece caminhos mais resilientes, inclusivos e sustentáveis” (UNCTAD, 2008).

E dentre esses caminhos, o estudo descreve como os governos podem fortalecer suas economias criativas através da implementação de políticas que formatem o aparato institucional necessário e as devidas regulações para o desenvolvimento de estratégias de desenvolvimento sustentável (UNCTAD, 2008). Como clarificado no Relatório de Economia Criativa das Nações Unidas, publicado em 2010, “os setores da economia criativa podem contribuir muito para o crescimento e para a prosperidade, especialmente no caso dos países em desenvolvimento que estejam buscando diversificar suas economias e construir resiliência para futuras crises” (UNCTAD, 2010).

O relatório divulgado em 2010 permite a seu leitor compreender a importância do conceito de economia criativa na busca pela solução de problemas estruturais existentes ainda hoje na sociedade brasileira.

Estimulada de forma adequada, a criatividade incentiva a cultura, infunde um desenvolvimento centrado no ser humano e constitui o ingrediente chave para a criação de trabalho, inovação e comércio, ao mesmo tempo em que contribui para a inclusão social, diversidade cultural e sustentabilidade ambiental. (UNCTAD, 2010).

Assim sendo, o avanço da economia criativa deve impulsionar a busca por um novo modelo de desenvolvimento mais bem adaptado às realidades da sociedade atual e que aborde de forma mais eficaz os desequilíbrios econômicos e sociais de cada nação. E ainda que se faça necessário conhecer as dinâmicas da economia criativa em um mundo globalizado, o relatório sugere o distanciamento do foco global e uma aproximação do prisma local, “identificando especificidades e identidades dos países e reconhecendo suas diferenças culturais e econômicas” (UNCTAD, 2010). O Brasil é mundialmente reconhecido por seu senso de estilo e design, pelo uso das cores, dos ritmos e por sua inventividade, sendo um dos poucos países

em que o espírito criativo nato floresce de forma tão notável (HOWKINS, 2017). De acordo com o autor, atividades como moda, música, design, arquitetura, produção audiovisual e mídia digital contam com profissionais excepcionalmente talentosos, e o desafio atual é transformar esse valioso recurso natural no coração da sua economia.

Digo que a Economia Criativa é a parte mais forte e de crescimento mais rápido de todas as economias ao redor do mundo, dos Estados Unidos à China. Seus profissionais têm, em média, melhor formação educacional e têm salários mais altos. A economia criativa é a preferência dos jovens na escolha profissional. É a melhor forma de manter as heranças e a culturas nacionais seja por si mesmas ou para promover o turismo. Contribui com o bem-estar social. Eu não tenho dúvida que um país que ignora seus talentos criativos vai perder o controle sobre o seu destino. Não é possível para um país simplesmente dizer “não” para a Economia Criativa, tanto quanto não é possível desistir de manufatura, tecnologia ou da internet. Vivemos em um mundo integrado e competitivo e um país que parece não se mover na verdade está andando para trás. (HOWKINS, 2017)

Os principais estudos nacionais sobre Economia Criativa foram produzidos pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), havendo também trabalhos mais recentes produzidos pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos (SEADE).

O Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil, divulgado desde 2008, avalia o impacto da economia criativa no país, com informações sobre a quantidade de postos de trabalho e remuneração das profissões criativas brasileiras (FIRJAN, 2008). Em sua última publicação, o mapeamento verificou que “o PIB Criativo representou 2,61% de toda riqueza gerada em território nacional. Com isso, a Indústria Criativa totalizou R\$ 171,5 bilhões em 2017” (FIRJAN, 2019).

Sob a ótica do mercado de trabalho formal, foram empregados 837,2 mil profissionais no país pelo setor criativo. “Dessa forma, mesmo no cenário adverso, os trabalhadores criativos mantiveram sua participação no estoque de mão de obra formal nacional” (FIRJAN, 2019).

Pelo relatório Panorama da Economia Criativa no Brasil, “estima-se que a economia criativa formal represente entre 1,2% e 2% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e aproximadamente 2% da mão de obra e 2,5% da massa salarial formal. Além disso, os trabalhadores em economia criativa ganham mais e são mais escolarizados que a média” (IPEA, 2013).

Internamente, conforme os dados, os segmentos constituintes das indústrias criativas têm os Valores Adicionados majoritariamente distribuídos entre o audiovisual, publicação e mídia impressa e as chamadas new medias. Eles representam 80,1% do VA gerado pela economia criativa. Já os segmentos mais intensivos em pessoal são os serviços criativos, design e publicação e mídia impressa. Eles representam 75% do pessoal ocupado pela economia criativa. (IPEA, 2013)

Como destaque, a metodologia do IPEA considera, além do mercado de trabalho formal, o setor informal a partir da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), do IBGE. Em suas conclusões, o relatório reafirma a importância que a Economia Criativa vem ganhando na atualidade em função das possibilidades portadoras de futuro que ela conduz (IPEA, 2013).

### III. INDICADORES PARA AVALIAÇÃO DA ECONOMIA CRIATIVA

A seguir são apresentadas as principais metodologias utilizadas na literatura acadêmica para mensurar a Economia Criativa sob a ótica do mercado de trabalho. São avaliados com maior detalhamento os trabalhos de Flórida (2012), do IPEA (2013) e da Firjan (2019). Na sequência, o estudo recorre aos métodos elucidados para analisar o desempenho dos setores criativos no Estado de São Paulo e, para isso, utiliza as mesorregiões paulistas como recorte geográfico. Por fim, é apresentado um indicador econômico que busca contribuir para o monitoramento da Economia Criativa em nível regional e se aplicam os cálculos à mesorregião de Araraquara.

Existem duas formas de mensurar o setor criativo, que são: a análise setorial – em que é avaliado se o setor de atuação da empresa é um setor típico da economia criativa – e a análise ocupacional, em que “o interesse é na ocupação do trabalhador e se esta é uma ocupação típica da economia criativa ou não” (IPEA, 2013). Dessa classificação derivam quatro situações possíveis, elencadas por Flórida (2012): trabalhadores “criativos especializados”, empregados por estabelecimentos criativos; trabalhadores “criativos embutidos” atuando em cargos criativos, mas em empresas tradicionais; empregados não criativos nas “ocupações de apoio” das indústrias criativas e, por fim, o caso em que nem a ocupação nem a empresa estão no ramo criativo.

Para além da classificação descrita, Flórida (2012) enfatiza as dificuldades metodológicas associadas ao modelo. “O trabalho voluntário ou não remunerado, a identificação de ocupações que ainda não foram codificadas, a informalidade e o fato de que muitos trabalhadores criativos exercem mais de uma ocupação dificultam o enquadramento tanto no recorte ocupacional como no setorial, embora afetem mais ao primeiro” (FLORIDA, 2012).

Neste trabalho, optou-se pela construção da análise ocupacional, caracterizando a mão de obra formal empregada nos setores criativos do Estado de São Paulo. Foram utilizados os dados disponibilizados pela Secretaria do Trabalho – entidade integrante do Ministério da Economia do Brasil – e, em especial, das investigações sobre a Relação Anual de Informações

Sociais (Rais/MTE), que oferecem uma série de detalhamentos sobre o emprego formal no país, com desagregação até o nível municipal. Todavia, considerando que a economia brasileira é caracterizada por elevado grau de informalidade, esse recorte impõe uma certa limitação aos resultados que serão alcançados.

Na sequência, foi necessário definir quais atividades econômicas seriam consideradas integrantes do ramo criativo. Para isso, procuramos identificar na literatura disponível as principais classificações existentes a fim de constatar se existe um consenso em relação a quais atividades devem ser avaliadas. E foi com base nas comparações realizadas por Jager (2014), que confronta as metodologias da Unesco, Unctad, IBGE, DMCS, Firjan e OIT, que este estudo opta em se aproximar em maior grau da metodologia utilizada no Mapeamento da Indústria Criativa, que acompanha o desenvolvimento da área criativa no Brasil em cada Estado, verificando a sua representatividade, sua evolução e as transformações ocorridas no decorrer dos últimos anos (FIRJAN, 2008).

Dito isso, as ocupações criativas foram agrupadas de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) 2.0. É esta operação que permite analisar a participação da cadeia criativa nos resultados gerais da economia. O quadro a seguir mostra quais ocupações integram o grupo de atividades criativas da pesquisa e as agrupa em sete categorias – Arquitetura e Design, Artes Performáticas, Artes Visuais, Plásticas e Escrita, Audiovisual, Edição e Impressão, Ensino e Cultura, Informática, Patrimônio e Publicidade e Propaganda.

#### **QUADRO 1 - Segmentos Criativos**

<b>Classe</b>	<b>Denominação</b>	<b>Categoria</b>
32.11-6	Lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria	Arquitetura e Design
32.12-4	Fabricação de bijuterias e artefatos semelhantes	Arquitetura e Design
71.11-1	Serviços de arquitetura	Arquitetura e Design
74.10-2	Design e decoração de interiores	Arquitetura e Design
90.01-9	Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares	Artes Performáticas
90.03-5	Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas	Artes Performáticas
94.93-6	Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte	Artes Performáticas
74.20-0	Atividades fotográficas e similares	Artes Visuais, Plásticas e Escrita
90.02-7	Criação artística	Artes Visuais, Plásticas e Escrita
32.20-5	Fabricação de instrumentos musicais	Audiovisual

59.11-1	Atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão	Audiovisual
59.12-0	Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão	Audiovisual
59.13-8	Distribuição cinematográfica, de vídeo e de programas de televisão	Audiovisual
59.14-6	Atividades de exibição cinematográfica	Audiovisual
59.20-1	Atividades de gravação de som e de edição de música	Audiovisual
60.10-1	Atividades de rádio	Audiovisual
60.21-7	Atividades de televisão aberta	Audiovisual
60.22-5	Programadoras e atividades relacionadas à televisão por assinatura	Audiovisual
77.22-5	Aluguel de fitas de vídeo, DVDs e similares	Audiovisual
58.11-5	Edição de livros	Edição e Impressão
58.12-3	Edição de jornais	Edição e Impressão
58.13-1	Edição de revistas	Edição e Impressão
58.19-1	Edição de cadastros, listas e outros produtos gráficos	Edição e Impressão
85.92-9	Ensino de arte e cultura	Ensino e Cultura
62.01-5	Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda	Informática
62.02-3	Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador customizáveis	Informática
62.03-1	Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador não-customizáveis	Informática
62.04-0	Consultoria em tecnologia da informação	Informática
62.09-1	Suporte técnico, manutenção e outros serviços em tecnologia da informação	Informática
63.11-9	Tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet	Informática
63.19-4	Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet	Informática
91.01-5	Atividades de bibliotecas e arquivos	Patrimônio
91.02-3	Atividades de museus e de exploração, restauração artística e conservação de lugares e prédios históricos e atrações similares	Patrimônio
73.11-4	Agências de publicidade	Publicidade e Propaganda
73.19-0	Atividades de publicidade não especificadas anteriormente	Publicidade e Propaganda

Fonte: Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0, 2006).  
Elaboração própria.

O recorte temporal deste trabalho foi definido a partir de 2006, ano em que a CNAE 2.0 foi oficialmente estabelecida, e como limite máximo o ano de 2019, quando uso do Sistema do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) – que alimenta a base de dados da

Rais – foi substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial).

A variável geográfica do levantamento utiliza como referencial teórico as mesorregiões do Estado de São Paulo. Elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esta foi a divisão geográfica regional vigente entre 1989 e 2017, e substituída, posteriormente, pela metodologia das regiões geográficas intermediárias e imediatas, também do IBGE.

As mesorregiões congregam uma série municípios que possuem similaridades sociais e econômicas em uma determinada área geográfica. De acordo com IBGE (1990) foram estabelecidos critérios como características sociais, produção econômica, a geografia e as articulações espaciais<sup>2</sup>. Desse modo, os 645 municípios que integram o Estado de São Paulo são agrupados em 15 mesorregiões, demonstradas na Imagem 1.

### IMAGEM 1 – Mesorregiões do Estado de São Paulo



Fonte: IBGE, ANO.

Por fim, este trabalho aplica a metodologia do Quociente Locacional (QL) sobre a base de dados do mercado de trabalho celetista paulista. O indicador foi elaborado inicialmente por

---

<sup>2</sup> Segundo o Instituto, as possíveis diferenças entre as populações das Unidades da Federação obtidas da soma das estimativas municipais e aquelas projetadas nas Projeções de População, Brasil e Unidades da Federação, Revisão 2018, devem-se à alteração de limites territoriais ocorridas entre os estados, após o Censo Demográfico 2010 (IBGE, 1990)

Haig (1928) e recebeu significativas contribuições de Hoover (1936) e Ballasa (1965) através da elaboração do índice de Vantagem Comparativa Revelada (RCA). É uma medida amplamente difundida nos estudos econômicos regionais que visam identificar o nível de especialização dos setores econômicos de uma região. E busca traduzir por meio de um quociente “quantas vezes mais” uma região se dedica a determinada atividade econômica comparativamente a região a que se insere (PAIVA, 2006). Assim, a utilização do método permite a este estudo formular inferências a respeito da vocação econômica das regiões sob o aspecto criativo. Como explica Haddad:

O quociente locacional compara a participação percentual de uma região em um setor particular com a participação percentual da mesma região no total do emprego da economia nacional. Se o valor do QL > 1, significa que a região é relativamente mais importante, no contexto nacional, em termos do setor, do que em termos gerais de todos os setores, revelando os setores de uma região que apresentam maiores possibilidades para atividades de exportação (indicação de que a atividade na região é básica). Um QL < 1, representaria uma atividade não básica ou voltada para o mercado da própria região. (HADDAD, 1989, p. 232)

Assim, a partir da divisão entre a participação do setor criativo na mesorregião de análise e a participação do mesmo setor na região de referência – Estado de São Paulo – o índice permite verificar se a mesorregião analisada é relativamente mais especializada em Economia Criativa que a média do estadual. O cálculo é expresso pela equação (1).

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij}/\sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij}/\sum_i \sum_j E_{ij}} \quad (1)$$

Onde:

$E_{ij}$  = Número de empregados no ramo de atividade  $i$  da região  $j$ ;

$\sum_j E_{ij}$  = Número de empregados no ramo de atividade  $i$  da região referência;

$\sum_i E_{ij}$  = Número de empregados em todos os ramos de atividade da região  $j$ ;

$\sum_i \sum_j E_{ij}$  = Número de empregados em todos os ramos de atividade da região de referência;

Os resultados que são apresentados na próxima seção relevam o desempenho dos setores criativos em âmbito regional e a evolução da Economia Criativa ao longo dos últimos anos, sua distribuição no território paulista e as características dos empregos e empreendimentos que compõem o setor criativo, com ênfase na mesorregião de Araraquara. Com esses resultados, o estudo pretende avaliar a relevância dos setores criativos para a região anunciada, além de

verificar se, com o passar do tempo, eles têm se mostrado mais significativos na economia local quando comparada com a média de todos os setores econômicos.

Cabe ressaltar que a sistematização e o acompanhamento periódico de estatísticas no âmbito da Economia Criativa são estratégias adotadas em todo o mundo, especialmente para o levantamento de informações que sirvam de subsídio para a construção de políticas públicas de incentivo a estes setores (FUNDAP, 2010).

#### IV. RESULTADOS ALCANÇADOS

Os indicadores de análise regional resumem os padrões da atividade econômica em uma determinada localidade. Assim, é permitido ao pesquisador utilizar variáveis como emprego, produção e valor adicionado para analisar como essas atividades estão distribuídas geograficamente; se existem regiões com maior nível de especialização ou quais locais são mais importantes para um determinado setor. Dentre as variáveis enumeradas, utilizou-se o emprego formal para a investigação pretendida.

Ainda, Monasterio (2011) lista seis indicadores que podem ser úteis para a análise de especialização regional, dos quais este trabalho seleciona um deles – o Quociente Locacional – para verificar o nível de especialização do setor criativo nas mesorregiões do Estado de São Paulo

Assim, de 2006 a 2019, o IBGE estima um crescimento populacional da ordem de 11,85% para o Estado – 41 milhões em 2006 e quase 46 milhões trezes anos depois. No mesmo período, o mercado de trabalho paulista aumentou em 32,4% – de 10,3 milhões para 13,7 milhões – e as ocupações criativas saltaram 85,20% – de 180,5 mil para 334,3 mil.

A verificação dos resultados, ano a ano, revela que os impactos da variação do emprego sobre a classe criativa são sobremaneira mais intensos – nos períodos em que há criação de vagas de trabalho, o emprego criativo aumenta mais que proporcionalmente, e o mesmo ocorre quando o movimento é inverso, isto é, em períodos de aumento no desemprego o setor criativo registrou resultados relativamente piores que a média do mercado de trabalho.

Essa característica, representada na Tabela 1, foi verificada na maior parte do período avaliado, com exceção de dois anos em que os movimentos tomaram direções opostas. Em 2013, as ocupações criativas caíram 1,45%, enquanto o total de ocupações formais subiu 1,75%,

e em 2015, os empregos no setor criativo aumentaram em 0,55% e o total da Rais/MTE registrou queda de 2,93%.

**Tabela 1 – Crescimento percentual anual da população paulista, do emprego total e da Economia Criativa no Estado de São Paulo: recorte ocupacional – 2007 a 2019**

Período	População		Total da Rais		Ocupações Criativas	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
2006	41.055.734	-	10.315.118	-	180.498	-
2007	41.055.734	0,00	11.078.904	7,40	196.452	8,84
2008	41.011.638	-0,11	11.713.163	5,72	228.124	16,12
2009	41.384.039	0,91	12.079.131	3,12	241.426	5,83
2010	41.384.039	0,00	12.873.605	6,58	268.927	11,39
2011	41.587.182	0,49	13.412.779	4,19	294.891	9,65
2012	41.901.219	0,76	13.783.541	2,76	321.322	8,96
2013	43.663.669	4,21	14.024.340	1,75	316.654	-1,45
2014	44.035.304	0,85	14.111.450	0,62	327.764	3,51
2015	44.396.484	0,82	13.697.471	-2,93	329.579	0,55
2016	44.749.699	0,80	13.194.120	-3,67	314.841	-4,47
2017	45.094.866	0,77	13.128.278	-0,50	304.987	-3,13
2018	45.538.936	0,98	13.247.463	0,91	322.763	5,83
2019	45.919.049	<b>0,83</b>	13.657.131	<b>3,09</b>	334.276	<b>3,57</b>
<b>Total período</b>	-	<b>11,85</b>	-	<b>32,40</b>	-	<b>85,20</b>

Fonte: IBGE; Rais/MTE.

Elaboração própria.

Apoiado nas conclusões anteriores, foram calculadas três taxas de variação. A taxa de variação da população residente em cada mesorregião; a taxa de variação dos trabalhadores formais empregados; e a taxa de emprego no setor criativo, que fornecem informações sobre a conjuntura econômica paulista.

Nessa análise, a população da mesorregião Macro Metropolitana Paulista registrou o maior crescimento populacional observado no estudo: 16,93%, saltando de 2,6 milhões de habitantes em 2006 para 3,04 milhões em 2019. Na sequência, vêm as mesorregiões de Campinas (16,34% ou 605,8 mil habitantes), Ribeirão Preto (14,75% ou 342,8 mil habitantes) e Araraquara (13,57% ou 108,6 mil habitantes). O crescimento médio da população paulista foi de 11,85% no período.

A evolução do mercado de trabalho do ponto de vista do total de contratos formais celebrados revela que o Litoral Sul Paulista foi a mesorregião com maior crescimento acumulado: 56,89%, enquanto o crescimento médio do Estado foi de 32,40%. Em 2006, a região contava com um total de 49,7 mil trabalhadores formais e, em 2019, esse número saltou

para 78,01 mil. Em seguida, vêm as mesorregiões Macro Metropolitana de São Paulo (45,48% ou 262,4 mil vínculos), São José do Rio Preto (45,09% ou 135,9 mil vínculos) e Marília (42,81% ou 37,64 mil vínculos).

Por fim, Araraquara foi a mesorregião que apresentou a maior variação acumulada do emprego formal criativo. Em 2006, o setor contava com 1.502 vínculos ativos que passaram para 4.436 em 2019 – elevação de 195,34% ou 2.934 vínculos. A média para as mesorregiões paulistas foi de 91,7%. Na sequência, vêm as mesorregiões de Marília (153,94% ou 1.133 vínculos), Araçatuba (127,75% ou 1.220 vínculos) e Ribeirão Preto (113,61% ou 4.332 vínculos). Os dados apresentados na Tabela 2 demonstram que a formalização do mercado de trabalho foi positiva para o Estado como um todo, inclusive para as atividades criativas, que registraram redução de vínculos ativos em apenas uma das quinze regiões analisadas, a mesorregião de Itapetininga.

**Tabela 2 – Crescimento acumulado da população estimada, do emprego total e do setor criativo nas mesorregiões do Estado de São Paulo: recorte ocupacional – 2007 a 2019**

Mesorregião	População Estimada		Vínculos Ativos Totais		Vínculos Ativos Criativos	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Araçatuba	87.077	12,84	29.588	20,86	1.220	127,75
Araraquara	108.614	13,57	61.353	30,57	2.934	195,34
Assis	39.165	6,99	31.355	29,64	561	95,41
Bauru	163.995	11,31	92.008	27,86	665	20,21
Campinas	605.798	16,34	337.198	36,29	14.249	96,64
Itapetininga	83.503	10,10	54.326	37,31	-161	-13,88
Litoral Sul Paulista	8.877	1,78	28.291	56,89	101	65,16
Macro Metropolitana Paulista	440.415	16,93	262.351	45,48	3.135	56,80
Marília	19.439	4,30	37.644	42,81	1.133	153,94
Metropolitana de São Paulo	2.232.704	10,56	1.798.201	29,95	115.141	84,28
Piracicaba	172.238	12,53	93.618	27,20	2.713	64,97
Presidente Prudente	66.011	7,83	47.908	32,12	874	98,87
Ribeirão Preto	342.819	14,75	185.969	35,70	4.332	113,61
São José do Rio Preto	183.837	11,84	135.927	45,09	3.025	104,24
Vale do Paraíba Paulista	308.823	13,76	146.276	34,17	3.856	111,77
<b>Total do Estado (SP)</b>	<b>4.863.315</b>	<b>11,85</b>	<b>3.342.013</b>	<b>32,40</b>	<b>153.778</b>	<b>85,20</b>

Fonte: IBGE; Rais/MTE.

Elaboração própria.

A partir dos cálculos feitos através do Quociente Locacional (QL) para o emprego formal, são identificadas as regiões que se destacam por terem, proporcionalmente, maior vocação para as atividades criativas. A primeira região em destaque é a Metropolitana de São Paulo – única região com  $QL > 1$  e, portanto, o território mais importante para o setor criativo

dentro do Estado. Apesar de apresentar mais variações negativas (8) do que positivas (5) ao longo dos treze períodos analisados, o QL da região passou de 1,3005 em 2006 para 1,3184 em 2019, demonstrando evolução da Indústria Criativa.

Em segundo lugar, figura a mesorregião de Campinas. Em 2006, o QL da região era igual a 0,9070 passando para 0,9355 em 2019. Apesar dos subseqüentes resultados positivos entre 2014 e 2018, os resultados da região também apresentaram considerável volatilidade. Dentre os treze anos analisados, em sete deles a região apresentou melhores resultados em relação ao período anterior, enquanto que em seis ocasiões houve queda do quociente na mesma base comparativa.

Figueiredo (2020) aponta que o QL é sensível aos níveis de agregação e de detalhamento setorial. Isso significa que para maiores níveis de agregação, o resultado pode convergir para 1 (um), fator que deve servir de ponderação na análise dos resultados logrados pelas regiões Metropolitana de São Paulo e Campinas.

Na seqüência, Araraquara figura em terceiro lugar com maior QL para o ano de 2019 dentre as mesorregiões analisadas. Apesar do indicador revelar ausência de especialização da cadeia criativa na região, a avaliação dos resultados ano a ano demonstram que a mesorregião de Araraquara vem apresentando evolução expressiva nos resultados do indicador de especialização. Em 2006, o QL igual a 0,4277 coloca Araraquara na décima colocação entre as quinze regiões analisadas. Treze anos depois, a região salta para o terceiro lugar, com QL igual a 0,6916 em 2019. Ademais, observando os resultados período a período é verificado que a região apresentou crescimento em 9 ocasiões contra apenas quatro vezes em que o resultado logrado no ano de referência representou queda no indicador em relação ao ano anterior.

Revelada a contínua melhora nos resultados da mesorregião de Araraquara do ponto de vista da economia criativa, este trabalho prossegue com a análise sobre o referido território avaliando também o comportamento das ocupações criativas a fim de apurar quais são as atividades preponderantes na região.

Pelos resultados, Araraquara se posiciona como a quarta cidade com maior crescimento populacional entre 2006 e 2019, sendo a segunda colocada entre as mesorregiões do interior paulista.

Sobre o aumento do emprego formal, os resultados mesorregionais estiveram abaixo da média estadual. Em 2006, Araraquara contava com um saldo de 200,70 mil trabalhadores com carteira assinada, valor que foi elevado em 30,57%, levando a 262,06 mil empregados formais em 2019. O resultado, porém, é apenas o décimo entre as quinze regiões analisadas, que teve média de crescimento em 32,40%.

Já os resultados para as ocupações criativas podem ser analisados sob duas óticas. O indicador do Quociente Locacional revelou resultados entre 0,4277 em 2016, e 0,6916 em 2019 e, portanto, ausência de especialização do setor criativo na mesorregião de Araraquara. O comportamento acumulado do indicador, porém, revela que o quociente locacional de Araraquara performou sobremaneira melhor que as demais regiões analisadas no período avaliado.

**Tabela 3 – Cálculo do Quociente Locacional para a Mesorregião de Araraquara: recorte ocupacional – 2006 a 2019**

Período	Vínculos Totais (Estado de SP) - $E$	Vínculos Criativos (Estado de SP) - $E_k$	Vínculos Totais (Araraquara) - $E_i$	Vínculos Criativos (Araraquara) $E_{k_i}$	$(E_{k_i}/E_i) /$ $(E_k/E)$
2006	10.315.118	180.498	200.704	1.502	0,4277
2007	11.078.904	196.452	214.661	1.466	0,3851
2008	11.713.163	228.124	221.821	1.567	0,3627
2009	12.079.131	241.426	229.227	1.676	0,3658
2010	12.873.605	268.927	231.517	2.143	0,4431
2011	13.412.779	294.891	257.061	2.725	0,4822
2012	13.783.541	321.322	260.969	3.249	0,5340
2013	14.024.340	316.654	264.278	2.557	0,4285
2014	14.111.450	327.764	264.919	3.152	0,5123
2015	13.697.471	329.579	259.963	3.426	0,5477
2016	13.194.120	314.841	251.669	3.408	0,5675
2017	13.128.278	304.987	254.866	3.357	0,5670
2018	13.247.463	322.763	255.755	3.990	0,6403
2019	13.657.131	334.276	262.057	4.436	0,6916
<b>Média</b>	<b>12.879.750</b>	<b>284.465</b>	<b>244.962</b>	<b>2.761</b>	<b>0,4968</b>

Fonte: IBGE; Rais/MTE.

Elaboração própria.

O reflexo das transformações sobre a Economia Criativa na mesorregião de Araraquara pode ser melhor compreendido com o desdobramento dos resultados em cada categoria de atividade criativa.

Assim, foi verificada maior participação média das categorias de Informática, com 52,75% das ocupações criativas, Audiovisual (22,93%) e Publicidade e Propaganda (9,14%).

Juntas, essas atividades empregaram, em 2019, 34.770 profissionais criativos – 84,53% do setor. Os demais setores revelaram ter, comparativamente, menor representatividade no desempenho sendo que as menores participações foram encontradas nas categorias de Arquitetura e Design (2,12%), Patrimônio (1,68%) e Artes Visuais, Plásticas e Escritas (1,09%). É preciso avaliar, ainda, que os dados de ocupações formais podem não representar com fidelidade os movimentos reais de cada setor, dadas as especificidades de cada segmento quanto à sua informalidade.

**Tabela 4 – Evolução da participação das categorias criativas no total de ocupações destes setores – 2006 a 2019**

Período	Informática		Audiovisual		Publicidade e Propaganda	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%
2006	781	50,81	501	32,60	71	4,62
2007	763	50,13	526	34,56	72	4,73
2008	802	49,08	520	31,82	138	8,45
2009	756	42,95	532	30,23	211	11,99
2010	912	40,90	637	28,57	355	15,92
2011	1.122	39,59	651	22,97	550	19,41
2012	1.370	40,19	666	19,54	375	11,00
2013	1.350	50,45	639	23,88	187	6,99
2014	2.182	61,80	657	18,61	209	5,92
2015	2.128	59,78	639	17,95	191	5,37
2016	2.420	63,22	619	16,17	214	5,59
2017	2.076	59,95	572	16,52	313	9,04
2018	2.746	64,25	619	14,48	397	9,29
2019	3.192	65,46	641	13,15	468	9,60
<b>Média</b>	<b>1.614</b>	<b>52,75</b>	<b>601</b>	<b>22,93</b>	<b>268</b>	<b>9,14</b>

Fonte: IBGE; Rais/MTE.  
Elaboração própria.

É oportuno ressaltar que os segmentos supracitados apresentam desempenho superior ao observado no resto da economia, como avalia Firjan (2019), e se mantém em linha com a tendência mundial de digitalização. O bom desempenho do setor de Tecnologia da Informação deve destaque à cidade de São Carlos, com um dos mais importantes polos tecnológicos de São Paulo, particularmente, pela presença de duas grandes universidades públicas paulistas.

Em conjunto com a cidade de São Carlos, o município de Araraquara se destaca na Cadeia do Audiovisual, que emprega parcela importante dos profissionais criativos através das atividades de rádio, televisão e atividades de produção e exibição cinematográfica e de programas de rádio e televisão.

A evolução no crescimento dessas atividades também foi avaliada e aponta que o segmento criativo com maior expansão relativo na mesorregião de Araraquara foi o de Ensino e Cultura, saindo de uma média de seis empregados formais entre 2006 e 2010 para uma média de 206 vínculos ativos entre 2015 e 2019. A área de Publicidade e Propaganda segue o mesmo trajeto ascendente no período analisado. Entre 2006 e 2010 a média de vínculos ativos foi de 169, subindo para 317 de 2015 a 2019. Em terceiro lugar figura a área de Informática que por sua vez apresenta o melhor resultado em números absolutos. Em 2006 havia 781 empregados formais na região e, treze anos depois, em 2019, havia 3.192 contratos formais ativos.

Os resultados obtidos estão em consonância com os principais trabalhos que se propuseram a caracterizar a economia criativa brasileira. O Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil (2019) ressalta que mesmo diante de um cenário econômico adverso entre 2015 e 2017, os trabalhadores criativos mantiveram sua participação no estoque de mão de obra formal nacional.

Numa conjuntura em que o Brasil teve 1,7 milhão de seus postos de trabalho encerrados no período 2015-2017, existem profissões criativas que foram muito buscadas. Todas elas, de uma forma ou de outra, se relacionam ao contexto mundial de transformação digital e valorização da experiência do consumidor. E, juntas, são responsáveis pela geração de 25,5 mil postos de trabalho. (FIRJAN, 2019)

Adduci e Novais (2016) evidenciam o dinamismo do setor de Tecnologia da Informação, que ampliou sua participação de 27,1% para 32,9% do total dos empregos criativos no Estado de São Paulo, entre 2012 e 2016, e que também foi responsável por mais da metade dos empregos criativos (53,3%) em 2016.

Por fim, o Panorama da Indústria Criativa no Brasil, do IPEA (2013) verifica como os trabalhadores criativos estão distribuídos espacialmente no território brasileiro e revela que estes se concentram nas grandes cidades, especialmente naquelas do Sudeste e Sul. Com respeito à distribuição dos empregos criativos por área, o levantamento do instituto revela, a partir do recorte ocupacional, que os trabalhadores ligados aos serviços criativos e *design* foram aqueles que se destacaram, o que inclui as atividades de publicidade e propaganda.

O estudo ainda ressalta a baixa participação relativa da Economia Criativa nos resultados gerais da economia, revelando que o país ainda se encontra em um patamar de baixa “intensidade criativa”:

Quando se compara esta participação com a observada em outros países, percebe-se que o Brasil está muito abaixo dos países onde ela é significativamente expressiva,

tais como França e Inglaterra. Assim, pode-se considerar que o país é de baixa “intensidade criativa”, ainda que, pelo menos em algumas atividades, haja escala suficiente para permitir que este percentual aumente significativamente. (IPEA, 2013).

## V. SÍNTESE DAS CONTRIBUIÇÕES

A principal contribuição deste trabalho é estabelecer as bases metodológicas para a sintetização de informações que auxiliem na caracterização da economia criativa do ponto de vista regional.

Para além das investigações mais gerais apresentadas pelo estudo, o método viabiliza o cálculo de outros indicadores, como a distribuição do emprego formal por subáreas da economia criativa; a distribuição espacial das atividades criativas em níveis mais desagregados de território (o que facilita a identificação, caracterização e as análises de desempenho do setor criativo); a mobilidade do estoque de trabalhadores criativos e suas motivações; a evolução salarial das profissões criativas; entre outros.

A citada sintetização de informações que os indicadores econômicos proporcionam não é suficiente para captar todos os fenômenos relevantes associados à distribuição da atividade criativa no espaço, mas são o primeiro passo para a realização de estudos aplicados mais avançados.

Cabe lembrar que alguns segmentos que fazem parte da Economia Criativa de outros estudos, como o de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), não foram incluídos na metodologia deste trabalho. Assim, novas análises que incluam esses setores devem ser realizadas para melhor compreensão dessas atividades.

## VI. OBSERVAÇÕES FINAIS

Ainda são poucas as pesquisas acadêmicas e a produção de estatísticas acerca da Economia Criativa no Brasil. Ademais, “com o alto grau de informalidade da Economia Criativa brasileira, boa parte da produção e circulação doméstica de bens e serviços criativos nacionais não é incorporada aos relatórios estatísticos” (BRASIL, 2011).

É importante destacar que os dados oficiais do Ministério da Economia contidos na Rais/MTE fornecem tão somente informações relacionadas ao mercado de trabalho regido pelas Consolidações das Leis do Trabalho (CLT). Os resultados, portanto, suprimem o setor informal, que foi estimado, ao final de 2020, em quase 34 milhões de trabalhadores – aproximadamente

40% de toda população economicamente ativa do país, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população ocupada considerada na metodologia como informal é calculada com base na PNAD. Os cálculos realizados partem da soma dos empregados no setor privado sem carteira de trabalho, empregados domésticos também sem carteira assinada; trabalhadores por conta própria sem CNPJ; empregadores sem CNPJ e trabalhadores familiares auxiliares (IBGE, 2020).

Outra correlação derivada das estimações feitas com base na Relação Anual de Informações Sociais é que, se por um lado existe presença intensa de relações de trabalho informais no contexto criativo, por outro é admitida a premissa de que os profissionais da classe criativa possuam maior nível de escolaridade e qualificação, levando a um nível maior de formalização (JAGER, 2014).

De acordo com Figueiredo (2020) é importante considerar, também, se a região de análise considerada no cálculo do QL possui tecnologia mais intensiva em trabalho que a região de referência para evitar conclusões equivocadas a respeito do nível de especialização. “Diferenças nos padrões de demandas locais também podem ocasionar QL maiores que 1 de forma incorreta” (FIGUEIREDO, 2020).

Para além das considerações a respeito da utilização exclusiva dos indicadores ligados ao mercado de trabalho, é possível agregar ao modelo variáveis de naturezas diferentes e gerar melhores inferências sobre a análise da conjuntura econômica. Nesse sentido, sugere-se para os próximos trabalhos a incorporação de indicadores que utilizem o Valor Adicionado pelas indústrias criativas, ou seja, avaliar a participação do PIB Criativo no PIB Total da região-alvo.

Ademais, para esses estudos, sugere-se, com base em Monasterio (2011), o cálculo do Coeficiente de Especialização e dos índices de Krugman, de Diversidade Industrial Regional, de Ubiquidade e de Gini Locacional.

As aplicações desses cálculos às variáveis supracitadas contribuirão para o avanço das investigações sobre os níveis de especialização do setor criativo brasileiro em níveis regional e local.

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADDUCI, C. C.; NOVAIS, L. F. **A Economia Criativa no Estado de São Paulo (2012-2016):** definição e análise. Nome da revista, v. X, n. X, p. XXX-XXX. São Paulo, 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano da Secretaria da Economia Criativa:** políticas, diretrizes e ações 2011 – 2014. Brasília: Minc, 2011. 148 p. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/09/Plano-da-Secretaria-da-Economia-Criativa.pdf>. Acesso em: INSERIR DATA.

FERNANDES, A.; CASAGRANDE, E. **Eficiência e equidade:** incursões recentes em torno de um velho debate a partir das regiões do Estado de São Paulo. In GONÇALVES, M.; BRANDÃO, C.; GALVÃO, A. (orgs.). Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional. São Paulo: UNESP; ANPUR, 2003.

DE LIMA, J. F. et al. **Análise regional das mesorregiões do Estado do Paraná no final do Século XX.** *Análise Econômica*, v. 24, n. 46. Sl, 2006.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class–Revisited:** Revised and Expanded. [S.l.]: Basic books, 2012.

FUNDAP. **Economia Criativa na Cidade de São Paulo:** Diagnóstico e Potencialidade. Prefeitura de São Paulo/Fundação do Desenvolvimento Administrativo. São Paulo, 2010.

HADDAD, P.R.; FERREIRA, C.M.; BOISIER, S.; ANDRADE, T.A. **Economia regional:** Teorias e métodos de análise. Fortaleza: ETENE-BNB, 1989.

HOWKINS, J. *The creative economy: how people make money from ideas.* [S.l.]. Penguin, 2001.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua:** características adicionais do mercado de trabalho 2019. Rio de Janeiro, 2020.

\_\_\_\_\_. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas.** Biblioteca IBGE. 1: 3–10. C, 1990.

JAGER, G. F. B. **Economia criativa e seus indicadores:** uma proposta de índice para as cidades brasileiras. 2014. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Escola

Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.3.2014.tde-19032015-165137. Acesso em: 2021-01-19.

MONASTERIO, L. **Indicadores de análise regional e espacial**. In: CRUZ et al (orgs). Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil. Brasília: Ipea, 2011.

PAIVA, C.A. **Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas**. Porto Alegre: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2006.

PEREIRA, T. **Disparidades de produto, produtividade e emprego no Brasil**. 2006. 102 f. Dissertação (mestrado em concentração de Economia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90026>>. Acesso em: colocar data.

PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F. (Org.). **Análise Regional: Metodologias e Indicadores**. 1. ed. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PUGA, F. P.; CASTRO, L. B. (Org.). **Visão 2035: Brasil, país desenvolvido: agendas setoriais para alcance da meta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2018. 437 p. ISBN 9788587545640.

PROCOPIUCK, M.; SCHIRLEI, F. **Políticas Públicas de Fomento à Economia Criativa: Curitiba e o Contexto Nacional e Internacional**. RBPD – Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento, v. 2, n. 2, p. 15-29, jul./dez. 2013.

SISTEMA FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. 2008. Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

UNCTAD – UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Creative economy report 2008. The challenge of assessing the creative economy: towards informed policy-making**. Geneva: United Nations, 2008.

\_\_\_\_\_. **Creative economy report 2010. Creative economy:** a feasible development option. Geneva: United Nations, 2010.

VASCONCELLOS, J. S. **Desenvolvimento Regional:** um estudo vocacional das cidades médias paulistas no século XXI. 2001.

**Tabela - Quocientes Locacionais das Mesorregiões do Estado de São Paulo referentes às Ocupações Criativas – 2006 a 2019**

Período	Araçatuba	Araraquara	Assis	Bauru	Campinas	Itapetininga	Litoral Sul Paulista	Macro Metropolitana Paulista	Marília	Metropolitana de São Paulo	Piracicaba	Presidente Prudente	Ribeirão Preto	São José do Rio Preto	Vale do Paraíba Paulista
2006	0,3848	0,4277	0,3176	0,5694	0,9070	0,4553	0,1781	0,5468	0,4783	1,3005	0,6933	0,3387	0,4183	0,5501	0,4605
2007	0,3451	0,3851	0,2377	0,4761	0,8502	0,5071	0,1947	0,6745	0,4343	1,3096	0,6812	0,3313	0,4040	0,5022	0,4380
2008	0,3132	0,3627	0,2497	0,2954	0,7538	0,4240	0,1620	0,7519	0,3992	1,3313	0,6916	0,3137	0,3906	0,4918	0,4136
2009	0,3578	0,3658	0,2185	0,3043	0,9379	0,2297	0,1522	0,8001	0,4308	1,2985	0,6906	0,2968	0,4218	0,4963	0,4469
2010	0,3429	0,4431	0,2468	0,2970	0,9355	0,3152	0,1240	0,7867	0,4171	1,2951	0,6588	0,3478	0,4491	0,5082	0,3985
2011	0,3974	0,4822	0,2262	0,3414	0,9266	0,3087	0,0940	0,7267	0,5996	1,3056	0,6327	0,3537	0,4153	0,4842	0,4388
2012	0,3476	0,5340	1,4137	0,3649	0,9455	0,2583	0,0710	0,7094	0,6153	1,2797	0,7113	0,3188	0,4173	0,4733	0,4320
2013	0,4200	0,4285	0,3107	0,3900	0,7670	0,2607	0,1058	0,7369	0,6024	1,3181	0,8170	0,3316	0,4268	0,5142	0,4597
2014	0,4495	0,5123	0,2999	0,4536	0,8278	0,2635	0,1194	0,6984	0,6038	1,3085	0,8013	0,3241	0,4112	0,5030	0,4429
2015	0,4678	0,5477	0,3029	0,4427	0,8589	0,2374	0,1204	0,7235	0,6241	1,3052	0,7324	0,3292	0,4376	0,4839	0,4569
2016	0,4501	0,5675	0,2824	0,4334	0,8608	0,2493	0,1245	0,7859	0,5776	1,2953	0,7666	0,3473	0,4654	0,4981	0,4799
2017	0,5245	0,5670	0,3371	0,3574	0,9184	0,2824	0,1276	0,3961	0,6112	1,3321	0,6623	0,3573	0,4679	0,5142	0,5704
2018	0,5187	0,6403	0,2848	0,3792	0,9595	0,2100	0,1306	0,4192	0,6009	1,3276	0,6221	0,3366	0,4688	0,4886	0,5492
2019	0,5183	0,6916	0,3423	0,3827	0,9355	0,2042	0,1341	0,4213	0,6080	1,3184	0,6428	0,3644	0,4708	0,5536	0,5197
<b>Média</b>	<b>0,4170</b>	<b>0,4968</b>	<b>0,3622</b>	<b>0,3920</b>	<b>0,8846</b>	<b>0,3004</b>	<b>0,1313</b>	<b>0,6555</b>	<b>0,5431</b>	<b>1,3090</b>	<b>0,7003</b>	<b>0,3351</b>	<b>0,4332</b>	<b>0,5044</b>	<b>0,4648</b>

Fonte: Rais/MTE.  
Elaboração própria